

AS MEMORIAS EPISTOLARES: FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA Y SPÍNOLA E ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE

Por JULIETA AMARO MARQUES

«Mi máxima aspiración sería la de haber logrado mirar al medievo portugués igual que lo miraría Jerónimo Osório o Luís de Camões si hoy vivos estuviesen [...]»

(Francisco Elías de Tejada y Spínola)

1. Nota preliminar

«La estupidez de quien coloca en el afán de mando la meta de sus ambiciones es doblemente grave porque, amén de constituir peligro para el logro de la salvación eterna, es motivo de tremendas pesadumbres ya en la tierra» (Francisco Elías de Tejada).

Esta breve apreciação, que é, também, uma evocação e homenagem póstuma aos notáveis académicos e incansáveis intelectuais que adiante mencionamos, integra-se nas *Compilações-Memórias Epistolares do Historiador Prof. Francisco Elías de Tejada y Spínola ao Prof. António Alberto Banha de Andrade*, da autoria da Professora Julieta Amaro Marques, cujo afã na investigação do acervo do Professor Banha de Andrade, ao longo de cinco anos, permitiu o preenchimento de vazio existente na Fundação Francisco Elías de Tejada, em Madrid, como adiante veremos.

O meu querido Amigo e correligionário, Professor Doutor Miguel Ayuso Torres, Companheiro de caminho e muitas cumplicidades, permitiu-me um conhecimento aprofundado desse notável intelectual, académico, conferencista, ideólogo e pole-

mista que foi Don F. Elías de Tejada ao oferecer-me, em 2003, o seu livro sobre este autor –*La Filosofía Jurídica y Política de Francisco Elías de Tejada*–. Obra notável e essencial, editada em Madrid em 1994, pela já referida Fundação.

A leitura desta obra de Miguel Ayuso é indispensável para se aquilatar a dimensão intelectual do brilhante catedrático, profundamente documentada com notas de outros, igualmente ilustres, seus pares, como Juan Vallet de Goytisolo, Rafael Gamba, Gonzalo Fernández de la Mora, José Pedro Galvão de Sousa, Miguel Dolç, Álvaro d’Ors, Jaime Vicens Vives, Francisco Canals Vidal, Carlo Cúrcio, Fernando de Aguiar, Francisco Puy, Hipólito Raposo –figura notável do Integralismo Lusitano– tal como António Sardinha –*alma mater* do referido Movimento–, José F. Lorca Navarrete, Eugenio Vegas Latapie, Manuel de Santa Cruz, Miguel Reale, Frederick D. Wilhelmsen, etc. Outras muitas referências igualmente importantes, tornariam esta introdução demasiado longa.

Os mencionados e os omissos privaram ou teorizaram com, e sobre, Don F. Elías de Tejada, tornando a referida obra de Miguel Ayuso, ele próprio seu discípulo, leitura obrigatória e indispensável.

O Prof. F. Elías de Tejada, personalidade multifacetada e de rara capacidade intelectual, criou uma obra e, com ela, uma Escola de Pensamento, com base na sua extraordinária facilidade de análise e dotes de investigação pouco comuns, aliadas à faceta de viajante incansável, ávido de conhecimentos novos e diferentes. Tendo viajado pelas mais recônditas cinco paragens do Mundo, poliglota invulgar e, porventura, inegalável, deixa a dúvida do que faltará conhecer sobre este Autor, isto é, se a sua Obra estará totalmente conhecida!

Aqui chegados, o contributo de Julieta Amaro Marques é deveras importante, ao encontrar no Espólio do Professor Banha de Andrade onze cartas originais, manuscritas pelo Professor F. Elías de Tejada para aquele seu homólogo português, desde 28 de Agosto de 1973 (a primeira encontrada) até à última (?) datada de 25 de Outubro de 1974.

A leitura das referidas cartas, permite identificar entre outros aspectos de muito próximo conhecimento pessoal, intimidade, até no plano familiar, identidade e afinidades intelectuais e não só, cumplicidades e estima pessoal e consideração, certamente bilaterais.

Infelizmente, em Madrid, na Fundação há um *vacatio* de vários anos no arquivo Epistolar de F. Elías de Tejada, porventura não só e, de igual modo, em Montemor-o-Novo (Portugal) terra onde nasceu A. Banha de Andrade.

Certamente alguma outra correspondência faltará, quer antes, como após Outubro de 1974, e a data em que Don F. Elías de Tejada partiu, prematuramente, do convívio *inter-paris*, interrompendo a importância do seu pensamento e das suas lições para –quem como nós– admiramos a sua coragem na intervenção e a importância da doutrina legada.

Don F. Elías de Tejada «Estudió en el colegio de los jesuitas de Chamartín, donde, según palabras suyas del preliminar de *El Franco-Condado hispánico*, tuvo por su mayor maestro al padre Fernando de Huidobro y Polanco, que adquirió gran fama después, de nuestra guerra, en la que dejó la vida, y de quien nos cuenta que su influencia resultó decisiva para la orientación de su pensamiento. Después de la expulsión de los jesuitas, durante la segunda República, continuó sus estudios en Extremoz, Portugal, en otro colegio de la Compañía, hasta ingresar en la Universidad de Madrid [...]»¹.

É deveras curiosa esta estadia em Portugal, em Estremoz, bem perto de Montemor-o-Novo, onde nasceu e viveu parte da sua vida, o seu contemporâneo António Banha de Andrade.

Este, por sua vez, estudou num colégio de Jesuítas em Évora.

Ter-se-ão conhecido nessa altura? Não possuímos dados que o possam afirmar. Mas que é uma coincidência muito curiosa é de facto!

Uma notável obra de reflexão, igualmente admirável, de Don F. Elías de Tejada é *La Monarquía Tradicional*. Os pilares fundamentais desta Conceção assentam na realidade e importância dos *fueros* como sistemas de liberdades políticas concretas, sua filosofia e perspectiva jurídica; «la cara jurídica del ordenamiento político de la tradición de “las españas”», conceito tão caro a Don F. Elías de Tejada².

Tradicionalista, Legitimista –Carlista– participou em actividades políticas v.g.; «En 1941 le vemos interviniendo en el problema dinástico, a través de su amistad con el príncipe don Duarte Nuño de Braganza, a quien visitó en nombre de la Comunidad Tradicionalista»³.

Igualmente relevante a posição de Don F. Elías de Tejada sobre a Itália.

Os cinco volumes del *Nápoles hispánico* «es una historia del pensamiento jurídico-político de los escritores napolitanos entre los siglos XV y XVIII con especial consideración de su actitud hacia España y de su adhesión al espíritu de la Contrarreforma, deteniéndose la narración antes de que el advenimiento de los Borbones llevara a España a la Cesión de Nápoles a consecuencia del Tratado de Utrech en 1713».

Carlo Cúrcio, Professor da Universidade de Florença, ficou surpreendido com esta obra, estimulando outros historiadores italianos a seguir o método de investigação, a originalidade da sua estruturação e interpretação, que nenhum napolitano havia sequer, parcialmente, tratado com tanta paciência investigatória e com tanto sentido histórico⁴.

1. Cfr. Miguel Ayuso Torres, *op. cit.*, p. 28.

2. *Ibid.*, p. 288.

3. *Ibid.*, p. 333.

4. *Ibid.*, p. 49.

Daí a grande importância da obra *La Monarchia Tradizionale*, em italiano, da Editora Controcorrente, editada em Nápoles em Abril de 2001.

Naturalmente, fruto da explosão intelectual das suas concepções sobre «*las españas*», fortemente estribadas na Tradição –*avant-la-lettre*– Elías de Tejada percorreu não só o estudo das diferentes «*españas*» como, obviamente dedicou a Portugal, também, toda a pujança da sua atenção naquela sua coerente linha de pensamento.

É sem surpresa, diante da sua colossal capacidade de absorver conhecimento, que dedica ao «*caso Português*», porventura uma das mais pujantes análises teóricas, surpreendendo apenas aqueles que não lhe avaliaram, cabalmente, a sua coerência e estudo aprofundado da História de Portugal, suas origens, virtudes, vicissitudes, transformações e influências.

Notável conhecedor dos vultos lusitanos que estudou e sobre os quais reflectiu, desde os autores clássicos aos seus contemporâneos, sublinham-se as referências – por exemplo– a Jerónimo Osório, Luís de Camões, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Fernão Lopes, Leite de Vasconcelos, Amorim Girão, Joaquim de Carvalho, Damião Peres, Mário Domingues, Pedro de Azevedo, António Sardinha, etc. A vastidão do seu estudo sobre Portugal, proporcionou obras capitais como *La Tradición portuguesa. Los orígenes (1140-1521)*, Madrid, Actas Editorial- Fundación Francisco Elías de Tejada, 1999.

Esta obra notável, com Apresentação de Miguel Ayuso e Prólogo do próprio Don F. Elías de Tejada é um percurso minucioso de leitura imperativa, na perspectiva da sua visão Tradicionalista, ante o Estado –na sua formação– até à Nação –na sua realidade!

Apenas uma citação que nos é cara e que assenta na concepção principal do seu magistério: «y la historia es paralela porque paralelos son el mal y los síntomas [...] son parejas cuyo acoplamiento pudiera llegar al infinito, y frente a ellos dándose las manos en señal de hermandad, los ejércitos silenciosos y tenaces de quienes se niegan a romper con la tradición común, los miguelistas que amamos y los carlistas que somos»⁵.

Terminamos com esta síntese de Miguel Ayuso, na Apresentação desta obra, na qual diz «y de ese su amor por Portugal fueron naciendo muchos estudios, preñados siempre de una erudición exhaustiva, tanto como de un característico sello interpretativo militante, entre los que destaca su libro *Las doctrinas políticas en Portugal (Edad Media)*, estampado en lengua castellana en Madrid el 1943»⁶.

E, ainda, sublinha Miguel Ayuso: «Una vez más, y es pena, la obra de Elías de Tejada quedó inconclusa. Y el libro mentado, contraído a la primera de las edades,

5. Cfr. F. Elías de Tejada, *op. cit.*, p. 18.

6. Cfr. Miguel Ayuso Torres, *op. cit.*, p. 14.

no fue seguido de los correspondientes a las dos siguientes. El volumen que hoy damos a las prensas con alegría es una reelaboración de aquél, firmado en Sevilla en 1973, y inédito hasta el momento»⁷.

Como antes referimos, lastimavelmente, Elías de Tejada deixou-nos prematuramente, e com ele, a noção de que muito perdeu a cultura histórico-filosófica e política que tão bem soube cultivar e ministrar.

ANTÓNIO DE NORONHA E LORENA

2. Notas biográficas

O catedrático Elías de Tejada y Spínola



Catedrático Dr. Francisco Elías de Tejada y Spínola⁸

«El profesor Francisco Elías de Tejada y Spínola, nacido en Madrid, pero de patria extremeña, en 1917, catedrático de Derecho Natural y Filosofía del Derecho de las Universidades de Murcia, Salamanca, Sevilla y Madrid, falleció en este última

7. *Ibid.*, p. 15.

8. Foto Cortesia da Fundação Elías de Tejada (Madrid).

ciudad en febrero de 1978. Autor de tres centenares cumplidos de monografías y artículos, en sede de filosofía práctica, derecho público e historia de las ideas políticas, se halla probablemente entre sus más destacados cultores durante la segunda mitad del siglo XX. Adscrito al pensamiento tradicional español es también, en el mismo período, una de las cimas del tradicionalismo carlista, con Rafael Gambra y Álvaro d'Ors, con Juan Vallet de Goytisolo –por más que éste sin tinte estrictamente legitimista– y Francisco Canals. Y fuera de las fronteras peninsulares, pero siempre en la común nación, con el chileno Osvaldo Lira, el brasileño José Pedro Galvão de Sousa y el estadounidense Frederick D. Wilhelmsen.

En filosofía jurídica, amén de abordar las relaciones del derecho con la moral y la política dejó eruditas consideraciones sobre los saberes jurídicos, en la línea de afirmar la supremacía de la *prudencia iuris* (jurisprudencia entendida como saber filosófico) respecto de los saberes técnicos y puramente científicos. En teoría política y derecho público se le debe la indagación de las causas de diferenciación entre los pueblos, con la revalorización de la tradición frente a la nación, y el desarrollo del modelo institucional de la monarquía tradicional, católica y representativa. Finalmente, en historia de las ideas políticas, persiguió con afán la indagación de lo hispánico, en el sentido amplio pre-estatal que expresa la voz, por él relanzada, de “las Españas”, con el fin de levantar la traza de su ejecutoria en el tiempo; así como vertió sus muchos saberes por los universos culturales más variados (Escandinavia, Extremo oriente, África negra, etc.).

Su obra quedó incompleta con su muerte temprana, pues del gran tratado ius-filosófico apenas, eso sí, en un par de miles de páginas, pasó de las primeras lecciones. Y en la gran historia de la literatura política en las Españas sólo llegó a completar los tiempos medios y de modo fragmentario algunas de las piezas correspondientes a la edad moderna. Su forja teórica, empero, queda como uno de los arquetipos del tradicionalismo hispano, de raíz católica, matriz tomista y afirmación foralista, distante de los desvaríos europeos regalistas, ontologistas y centralistas. Y sus empresas, hercúleas, lo presentan como uno de los campeones del legitimismo español carlista. Pues a su quehacer objetivado en la obra escrita, se suma su escuela universitaria y su red de contactos a lo largo de todo el mundo, alimentada por sus viajes incesantes. Así, en los años cincuenta animó la revista Reconquista, publicación de gran calidad y originalidad, puente hacia los hermanos lusitanos, con la colaboración del inolvidable profesor paulista José Pedro Galvão de Sousa, cultor del derecho político en clave realista. También, con las ediciones Montejurra, que él pagó, contribuyó a rehabilitar intelectualmente el carlismo español, reagrupando a sus plumas históricas y doctrinales más cotizadas, y abriendo el horizonte a otras afines. Tarea que prosiguió en los años sesenta, con el Centro de Estudios Históricos y Políticos “General Zumalacárregui”, a través de la convocatoria de diversos congresos y jornadas, en particular los dos grandes Congresos de Estudios Tradiciona-

listas, de 1964 y 1968. En los años setenta, finalmente, la Asociación Internacional de Iusnaturalistas Hispánicos “Felipe II”, nacida tras las I Jornadas Hispánicas de Derecho Natural, reunió a buena parte de sus discípulos y amigos de todo el mundo, especialmente hispánico, y en particular hispanoamericano y napolitano. El primero subsiste hoy, pero ajeno al legado intelectual de su fundador, mientras que la segunda ha desembocado recientemente en el Consejo de Estudios Hispánicos “Felipe II”.

Su escuela universitaria se volatilizó con la desaparición del maestro, en parte por la evolución de los discípulos, huérfanos de su orientación, y también por la adaptación de buena parte de ellos al signo del cambio acelerado que a la sazón sufría España»⁹.

MIGUEL AYUSO TORRES

Doutor António Alberto Banha de Andrade



Doutor António Alberto Banha de Andrade¹⁰
(Conferência de História Indo-portuguesa-Lisboa-1980)

9. Miguel Ayuso Torres, Fundación Elías de Tejada (Madrid), Junho 2014.

10. Foto-Acervo documental e fotográfico Dr. Banha de Andrade, Arquivo Municipal de Montemor-o-Novo.

Constitui para mim inusitada honra apresentar este breve esboço sobre a figura do Historiador Montemorense Banha de Andrade, sendo coadjuvada com o Doutor António de Noronha e Lorena, que desde o primeiro momento demonstrou especial atenção e empenho, pelo conhecimento biográfico que possui sobre a figura do Doutor Francisco Elías de Tejada e, excelente amizade para com o Presidente da Fundação Elías de Tejada, na pessoa do Doutor Miguel Ayuso.

No cumprimento do 1º Centenário do Nascimento do Doutor António A. Banha de Andrade (1915-2015), honra-se Montemor-o-Novo de ter sido seu berço. Na efeméride que assinalamos, não dispensamos contribuir em tão excelente ocasião, que se nos mostra, a disponibilidade e agrado de publicar em los *Anales* da Fundação Francisco Elías de Tejada (Madrid) um conjunto de cartas arquivadas no Espólio Documental Banha de Andrade, e, que foram objecto do meu interesse e valorização de dar a conhecer, por princípio, a troca epistolar entre duas figuras, ambos historiadores de renome internacional.

Escrever sobre o Professor Banha de Andrade não me atrevo. Conhecedora dos seus manuscritos, considero que a sua vasta obra fala por si, de quem foi o historiador, o professor, o homem.

Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Braga, em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Foi sócio de número e Vice-Presidente da Academia Portuguesa de História.

Sócio da Academia das Ciências, Sociedade de Geografia, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro e de Stª. Catarina (Brasil).

Exerceu durante doze anos o magistério universitário, no I.S.C.S.P.U. e na Faculdade de Letras de Lisboa.

Intelectual de incansável labor, humanista de grandeza maior, aprofundado analista do pensamento lusitano, expressa a sua imensa obra na investigação de âmbito histórico, na expansão da cultura portuguesa a que largos anos se devotou, principalmente impondo-se como figura quinhentista de inigualável vocação nos seus estudos e sua obra, em que ressurge o investigador de amplo conhecimento da gesta dos Descobrimentos, ao consagrar em livro a obra completa de *Mundos Novos do Mundo*, considerável empenho sobre as viagens marítimas portuguesas de 1500 e 1520.

É, sem dúvida, a figura inconfundível, que se debruça ao estudo da Filosofia dos Conimbricenses, à Congregação dos Oratorianos, à Época Pombalina –em paralelo ao Ensino, de um modo geral, o historiador dos séculos XVII e XVIII. O Prof. Banha de Andrade marcou o seu tempo no meio académico como um biógrafo destacado, no panorama abrangente de difusão europeia, cuja obra constitui leitura e estudo obrigatório.

Premiado em várias oportunidades por instituições como a Academia Portu-

guesa de História, exaltando a sua vasta obra em *Verney e a Cultura do seu tempo; A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários no Brasil; João de Barros, historiador do pensamento humanista; O naturalista José Anchieta*, entre outros.

Distinguiu-se na tese de doutoramento com a máxima distinção e louvor, apresentando as obras *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários, A Pedagogia dos Oratorianos e a didáctica da instrução de base*, presidida pelo júri: Prof. Toscano Rico, Prof. Catedrático Joaquim Veríssimo Serrão, Prof. Gama Caeiro e Prof. Sales de Loureiro; de Coimbra Prof. Luís de Albuquerque e Prof. Luís de Oliveira Ramos, do Porto.


Neste âmbito revela-se ainda o insigne historiador Banha de Andrade, como dedicadíssima figura montemorense, investigador incansável da história da sua terra natal e um benemérito reconhecido pela importância do seu espólio documental, legado a Montemor-o-Novo, actualmente existente como arquivo consultável para toda a comunidade científica, no Arquivo Municipal de Montemor-o-Novo –espólio recebido em 2009 recebido pelo Grupo Amigos de Montemor-o-Novo, de quem foi Presidente.

Apraz registar a sua destacada correspondência com entidades culturais espanhadas pelo mundo histórico-científico do seu contemporâneo, citando apenas algumas figuras, como Pedro Calmon, Pinharanda Gomes, Joaquim Veríssimo Serrão, Rómulo de Carvalho, Corte-Real, Bettencourt da Câmara, Alberto Iria, Fernando de Almeida, Gama Caeiro, Luís Albuquerque, Demétrio Ramos, Prado Coelho, entre muitos outros notáveis, e em cuja troca epistolar se observa a distinta correspondência entre o Prof. Elías de Tejada, desvelado amigo do Prof. Banha de Andrade. Do seu revelado amor por Portugal, o Prof. Elías de Tejada distingue nas presentes epístolas a intenção de dedicar e publicar em livro a sua obra de História Portuguesa. Facto, não conseguido por tantas vicissitudes passadas, lhe não permitiram esta realização, mas felizmente, em boa hora e boas mãos, publicada pela dedicação do Doutor Miguel Ayuso Torres.

Por fim, a minha simpatia e interesse pela presente troca epistolar entre, o Prof. Elías de Tejada e o Prof. Banha de Andrade resulta de observar que a mesma constitui um manancial de puros sentimentos humanos, uma retrospectiva das suas viagens culturais, uma demanda por deixar um extenso legado histórico, numa palavra, a demonstração da amizade entre duas figuras comparáveis no panorama luso-ibérico, que muito oportunamente trazemos à luz da publicação, como expressivo reconhecimento, que por si, se completa como património documental.

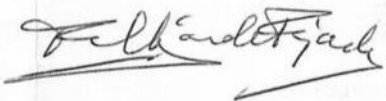
3. A colectânea epistolar

+
fechada 23 agosto 1973


FACULTAD DE DERECHO
—
CATEDRÁTICO DE DERECHO NATURAL
Y
FILOSOFÍA DEL DERECHO

A D. António Alberto Bamba de Andrade
Mi querido amigo: Hay salidas para Madrid, a fin de mañana, diez
mediante, repien para Abilfau. No quiero hacerlo sin agradecerle lo mismo que al
Dr. Ochoa, sus atenciones durante mi último pero por Lisboa, tanto para mi
suavemente para mi mujer.
El libro está acabado, salvo el cap. III, sobre João de Deus. Como princi-
palmente, entre este viaje y los de Bulgaria e Italia, no he podido para ponerme a trabajar
hasta el 10 de octubre, he encargado fotocopias de manuscritos a la Vaticana y a Bari, al
objeto de intentar poseer la mayor documentación posible, en fechas y lo mismo. Por lo que
para el estudio sobre Francisco de Magalhães, lo encuentro y fotocopié en Coimbra, así que
puede redactar lo referente a João Sobrinho.
Ahora voy a tierras que portugueses abieron al Occidente. Mi último lec-
tura antes de salir es la "Crónica dos feitos de feitura" de Francisco Camões de Sousa. Quisiera
ver aquellas tierras con los ojos con que las vieron los acompañantes de Diogo Afonso de Albuquerque, aunque
por desgracia, los hayen sabido a perder los europeos: los ingleses, los franceses, los daneses,
los holandeses, nuestros enemigos regulares. Pero algo se puede encontrar para dilucidar los cam-
pos, los de superficie y los del interior, Lido de Portugal.

Rosto da 1ª carta de 23 de Agosto de 1973

Com afectos para los amigos, recibe un fuerte abrazo de


Assinatura Elías de Tejada (verso)



FACULTAD DE DERECHO
CATEDRÁTICO DE DERECHO NATURAL
FILOSOFÍA DEL DERECHO

+
Sevilla 22 sept 1978

Querido Sr. D. Antonio Alberto Baulis de Andrade
Mi muy querido amigo: El libro está totalmente terminado. Falta para ello
alguien, cosa que compensará a hacerse apresar mi mujer madre de Piza, donde - en
Zurich - operaron el día 21 - o sea ayer - a mi madre de un cáncer en el pecho de
recho. Apenas empezaron a ir poniéndole a máquina los capítulos, se le irán man-
dando al profesor Bettencourt de Cámara.

Estuve en Ghana - y sobre todo en lo que resta de los viejos frutos portugueses,
que ahora llaman de Elmina. Le mandamos una postal, que no sé si le habrá llega-
do, dada la falta antiportuguesa de aquellas partes. Mi mujer tomó en filete los frutos,
y el libro del Descubrimiento de 1492. Espero venga por aquí para que se lo podamos presen-
tar o, en su caso, lo hacemos en Lisboa. Creo que mi emoción portuguesa por lo mismo
igualará a la mía.

Del 1 al 8 voy a Italia a la constitución de la "Telipe II", el rey portugués por
exaltación de los lipianos. Por ahora le mando algo que le resultará curioso: un artículo
de EL SIGLO, órgano del Partido Comunista de Chile, atribuyéndome en el 3 de agosto postales
de muerte de Allende. También le acompaño mi carta de contracción, que animé en
la revista del diario PUEBLO de Madrid con una nota "por la parte que le toca": los
repátes de Pueblo, naturalmente, no me han replicado nada.

Hasta siempre, con afectuosos recuerdos para los Doctores Celso y Bettencourt de Cámara, con un abrazo en tanable de

Felipe Ardizgach

C = 3 euros 74 de viabilidade sobre o total de distribuição
em Tuitos y envio por correio a Lisboa



MINISTÉRIO DO ULTRAMAR — JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR
CENTRO DE ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS

Rua da Junqueira, 86 — Lisboa - Portugal

Meu ~~caro~~ amigo

Os meus nesta quadra festiva, não quero deixar de aparecer (!) perante o querido casal, para lhe desejar feliz Natal e próspero Ano Novo, fértil sobretudo em obras do nível que os dois costumam produzir. O Dr. Bettencourt da Câmara continua a traduzir os capítulos já recebidos; mas julgo que me disse não ter já todos em seu poder. Faltará o tal que faltava quando nos separamos em Lisboa? Quando volta e dar cá um ou dois dias? E as suas impressões e de seu Espírito sobre Cabo Verde? Se um dia dispuser de uns momentos, gostava de conhecer a sua opinião sobre o valor dos Arquipélagos, como frutos da colonização portuguesa.

Entretanto, creio-me

A. e A. do
que lhe desejo aos dois, muito amor
e realizações intelectuais,

Lx 23/12/73

António Alberto Branco de Andrade

Rua Trindade ~~111~~
da Cunha, 34 Lisboa-2



FACULTAD DE DERECHO
—
CATEDRÁTICO DE DERECHO NATURAL
—
FILOSOFÍA DEL DERECHO

Sevilla 3 enero 1974

Querido Sr. D. Antonio Alberto Baubas de Coubas
Mi muy querido y recordado amigo: Muchísimas felicitades, en personas y
felicitades año 1974 es el mejor deseo de mi mujer y mis.

Hay un año al Sr. Bismarck de Camar los capítulos 5 y 6 del libro, y eso
que podían ir el resto antes de principios de febrero. La causa del retraso es, tuvo
en que, siendo posible quien se emite de dictado, al secretario, hubo de pasar
mis y medio en Suiza, acompañando a un amigo durante el proceso de una ex-
tensión de cáncer de mama, del cual gracias a Dios salió perfectamente. Después,
el viaje a Perú, Chile y Venezuela fundando los "Filipos II" y el congreso que yo
tenía que clausurar en Chile, nos han llevado tres semanas. Ahora todo va según
deseo.

Con la crisis saltó el Opus, y entramos en una situación neo-liberal -democ-
rática-cristiana, por mucho, mirede como un gobierno semejante al del General
Brenner en 1930. Veamos el futuro, salie todo para nuestra humanidad perni-
sible. Yo tengo una fórmula: lancemo ministro de Costano. Y que Dios os
vaya confesando.

Las navidades nos hemos quedado en Sevilla para organizar el trabajo, pero
yo ando hasta los pelos. Lo del Congreso Feminista de Málaga lo hacemos, Dios

mediante en la última decena de marzo. Será radicalmente tradicionalista
y en la presidencia de honor figurará el Cardinal Siri. Llevará ponencias del
Brasil (Falcão de Sousa y otros); Argentina (Gospo, Lamas, Montejano; del Perú
(Ugarte); de Venezuela (Blanco); de USA (Wilheims) etc. etc. Por aquí llevamos
una decena (Ray, Escobedo, Mandimio, Pérez, Soto, Fancha etc etc). De Italia otra decena,
todos de católicos universitarios (Vassallo, Torca, Fubiani, Vitale etc etc). Yo tendrá los
discursos de apertura y de clausura. Además irá una delegación de oficiales del Regio
ya porios a Dios reorganizados y puesto en la línea del "Zurabacompui". Fundare
mos la Felice II en el Norte de Italia.

Además celebraremos un "encuentro hispanonapolitano" en Nápoles; otro pequeño
Congreso eclesial de Turín sobre historia de los movimientos contrarrevolucionarios en Occiden-
te y yo daré una conferencia en el Circolo della Destra Nazionale de Turín. Creo será
interesante esta primera salida del Cardenal al exterior en sus dos facetas, la in-
tellectual y la militar.

¿Por qué no te animas a ir a Turín a dar una conferencia sobre "El Miquel-
mo" y a presentar una ponencia sobre Santo Tomás en el Congreso de Pinerolo? Sería
un aliento espiritual para ti y un placer para quienes sabemos lo que vales. Coge lo
dices, dímelo, para comunicarlo a los italianos y decirte a ti los hechos exactos,
siempre dentro de la tercera decena del próximo mes de marzo.

Felicísimas pasamos de nuevo, para ti y para el Sr. Ochoa, a quienes puedo
emili porque no tengo la dirección. Y, en espera siempre de tus noticias, te abraza
enternadamente como siempre tu devoto

Waldemar



FACULTAD DE DERECHO

+
Sevilla 18 febrero 1974

Señor Sr. S. António Alberto Branco de Andrade

Mi muy querido amigo: Con esta fecha envío al prof. Balthuscourt de Cámara todo el resto del texto. No sé como irá la traducción, pero a esta altura y en vista del envío, creo podría Ud. calcular la fecha en que la traducción está terminada y cuando podrá ser editado el libro.

En el caso en que están de acuerdo le envío un libro que se encuentra en el tomo II, para el período de 1521 a 1640. Vol. tiene la palabra.

Creo ha resultado un libro portugués, en muchos aspectos mucho más portugués que si hubiera sido escrito por muchos navidos en Portugal. Porque yo siento como una la Tradición portuguesa, mientras, hoy muchos con un ajetado portugués que lo que buscan es destruirlo. Si con este libro he hecho algo por la Portugal "mis", por lo que creo es la verdadera Portugal, me doy por bien pagado. Le imploro lea el texto y me dé su opinión sobre este punto.

En la semana quince de marzo tenemos al Congreso Torriente Tradicionalista de Fénice bajo la presidencia del Cardenal Siri. Yo tengo los dos discursos de apertura y de clausura. Hay ya inscritos 37 católicos italianos, más los que vamos de aquí, con ponencias de Brasil, Argentina, Perú y Chile.

Espero salir la "Felipe II" del Norte de Italia y en ella la mitad de los que por tradicionalistas italianos, hoy dispersos. Junto con una gran revista cultural internacional dirigida por mí, editada en Roma (Volpe) o en Florencia (Olschki), en castellano, italiano y portugués. Revista viramos de los Felipe II de todo el mundo. Espero que Ud. colabore en ella y algún portugués quiera honrarle honrando la memoria ejemplar del mejor Rey de la Historia y del mejor Rey de Portugal. Pero de esas cosas hablaremos cuando todo esté en marcha. De la recepción portuguesa se encargará poré Pedro Galvão de Sousa, de São Paulo, que Ud. ya bien conoce.

Por aquí, mucho ruido y pocas nueces. Los proyectos suvalentados. No se sabe si este foliemo va a liquidar o no va a liquidar el 18 de Julio; ni si a los abonos del Opus, va a repun una marca rojaide. Dios dirá, los carlistas, en todo no nos organizamos, porque el futuro se presenta muy obscuro. Dios dirá, otravez, lo importante es mantenerse fieles al mandato de los muertos.

Esperando verlos pronto, reciba con recuerdos de mi mujer, un abago enterrable del siempre amigo

Trilobado Fajada

C: 7 mayo 1974

S.  R.

MINISTERIO DO ULTRAMAR — JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR
CENTRO DE ESTUDOS POLITICOS E SOCIAIS

Rua de Junqueira, 86 — Lisboa — Portugal
Telefone 63 53 36

Meu Sr. Amigo

V/ referência: V/ comunicação Nosso referência: Rua de Junqueira, 86 — LISBOA (PORTUGAL)

ASSUNTO:

Obrigado pela sua última perdoada carta, plena de vida com sentido de Pátria bem definida. Se admiro a concisão e a clareza das suas ideias, não admiro menos, a tradução das suas convicções na prática, sempre activa, entusiasta, incansável. Como coroa da actividade do Filipe V, gostaria que escrevesse um livro d'isso sobre a figura deste rei impar, como o considero, com os argumentos convincentes que determinam os seus juízos. Naturalmente, já se tem pronunciado múltiplas vezes sobre o assunto, mesmo em escritos para o público e não só em conversas ou corresponsáveis epistolares. Como vê, porém, eu queria mais, e que os citados esse obra em espanhol, como testemunho de um espanhol.

Quanto à nossa História, falei com o Bellencort de Cárcara e com o Dr. Jaime Octava. O primeiro garantiu-me que vai activar a tradução, prometendo dar-me, conjuncto, no dia 8 de Maio. Insisti, porém, por que me entregasse alguns capítulos em meados de Abril, afim de se começarem já a imprimir (me esforço a compor no tipografia), esperando de que conseguisse antes o Dr. Octava a obra imediatamente concorre junto dos te. projetos — o que sempre demora tempo. Este prometeu-me aguardar fazer já o expediente. Por ora nada mais se pode dizer. Também a ver como respondem as tipografias de Lisboa, mais malamente cheias de trabalho.

Pergunto-me ainda se queremos o 2º volume, para o período de 1540-1540. Claro que sim, e quanto antes. Eu sei que se trata de um livro polémico, que suscitara críticas de vergonha. Ainda o não li, porque continuo em posse do Bellencort. Mas de contentar estar certo (lê-lo se depois, claro, ainda antes de ir para a tipografia) de que será uma boa obra, uma obra que era necessário escrever dentro do âmbito que lhe é característico, embora possa vir a discordar de uma ou outra interpretação.

Gostaria de ir ao Congresso Torrens de Génova. Mas, por um lado, nos últimos anos ando afetado da Filosofia e, por outro, aliás com consequência, vejo-me mergulhado no trabalho.

Na resposta indicar as referências deste documento

Lória, especialmente ultramarina, com todas as inci-
dências doutrinárias que a questões hoje comporta.
Por isso, além desse prazer, até porque não me
seria apudável pedir auxílios monetários ao Estado
e autorização ao Ministro para me ausentar. Para
si, tudo isto já se tornou corriqueiro, diria que tem
tudo institucionalizado, que o mesmo se dizer, fac-
lidade...

Também, não faço falta. A falta destes con-
tatos internacionais deitaram-me firmemente no
galax línguas e... também não tenho uma mulher
italiana. Não com entusiasmo, que os dois valem
por muitos.

Respeitosos cumprimentos e aos melhores,
e para si, um abraço dos amigos sinceros,

Ex. 1/3/74

Antônio Alberto Banta de Andrade



FACULTAD DE DERECHO

Sevilla 7 marzo 1974

Excmo. Sr. D. Antonio Alberto Bamba de Andueza

Mi muy querido amigo: Perdón por la ruina del 1. He pasado esta mañana y por las noticias que me da con ocasión de la edición de mi libro. Creo que usted, doctor, vea menos de los que Ud. supone, porque - aunque es lo que yo a primera vista - tenemos ideología de pensamiento; por uno que en Ud. perdura todavía el espíritu de nacionalismo y yo sea tradicionalista o no.

Una tradición de Portugal que en mi libro me lleva a un más portugués que la mayoría de los portugueses, ya que lo que yo planteo es la idea de Portugal encadrada en la empresa católica de la misión y de la Contrarreforma. Exactamente como lo hizo Francisco Osorio, el máximo pensador político de los tiempos. Contra las intrigas de los abolicionistas del XIX, liberales del XIX, marxistas o nacionistas del XX. Tal como lo pensaron los mayores hijos de la Portugal clásica, los que asumieron para siempre qué sea la tarea universal de Portugal, ha que tuvo el mayor portugués jamás nacido: nuestro Felipe I, nuestro Felipe II. Creo que en Portugal ha habido en ochocientos años solamente dos monarcas portugueses, y al par conscientes de su oficio real: João II y Felipe I. los demás no estuvieron o no albiró. Ni Don Diégo, buen administrador como los despachos del XVIII o como Obispo Talayeran el XX. Ni Don Manuel, robótico e ineficaz. Ni João III, bestia como Felipe II nuestro. Ni el hijo de Don Sebastián, ni João IV, el esposo de su mujer andaluza. Los Felipe I ocuparon a Portugal en la empresa de la Contrarreforma, igual que ocupó a Castilla,

No tengo tiempo de escribir más, como fuera mi deseo. Con afecto para los doctores Ochoa y Beltrame de Coimbra, le abraza fraternalmente

Diego de Torres





FACULTAD DE DERECHO
 CATEDRÁTICO DE DERECHO NATURAL
 Y
 FILOSOFÍA DEL DERECHO

Sevilla 5^a abril 1974

Amigo Sr. Sr. Prof. Rambo de Anbrade
 Mi muy querido amigo: Contéte la noche del 27, llamada al regreso de Italia. El Congreso fue aplazado. Más de 500 asistentes. Al final, el Cardenal Sin me resultó demostriano y lo tiene que "convulgar": lo verá por la nota adjunta.

La reacción de los nuestros ha sido negativa. Hasta esta mañana, que acabo de hablar con el Prof. Piero Vassallo, en Génova, ni siquiera los dominicos ni demás clero se han puesto de parte de Sini. Al contrario, éste ha cedido: ha llamado al Prof. Vassallo, le ha dicho que mis tesis teológicas eran las ciertas y que quiere hablar conmigo para volver a trabajar juntos.

Con el escándalo en la Vicina italiana, la "Filippo II" de Italia ha logrado adhesiones resonantes. El problema, ahora, es cribar las adhesiones. En 1975 tendremos el próximo congreso en Nápoles, correspondiente al estudio de Pium-battista Vico, considerando hasta ahora por los italianos como anterior del idealismo alemán y que todos -repin- la interpretación por un propuesta - vamos a estudiar como el último gran pensador de la Contrarreforma hispánica, el hombre con quien puede entorpecer la Italia de hoy para volver a su auténtica

Tradición católica. Con tanto tiempo por delante ¿por qué no se anima a que para un estudio en este sentido e incluso a ir al Congreso de Nápoles? Vea allí la fuerza de la "Filipe II" de Italia y conocerá los valores del nuevo Tradición católica italiana.

Uniana, Dios mediante, salgo para Besançon, a completar con los trabajos aparecidos desde 1965 mi libro sobre el Franco Condado hispánico. De paso voy a un grupo de tres profesores universitarios (dos de females, uno de Poitiers) que quieren organizar la "Filipe II" en Francia, con la ayuda de dos o tres jesuitas decentes. Pero hay que hablar antes con ellos para ver si están en línea delibida. No quiero me pare lo que ocurrió con El Salvador, con el Revdo. Fuentes Castellanos, aunque éste insiste en organizar la "Filipe II" allí; pero antes que nada hay que dejar claras las ideas. No me interesan muchos, más breves.

Para la repunta quincena de julio tendremos los jornadas Perrennos en Lima, organizados por la "Filipe II" de allí. Al menos seces el programa, sobre acción caritativa de aquel gobierno militar-comunista.

Es una lástima que los portugueses pueden fuera de este movimiento. En fin va a estar José Pedro Palanca de Sousa, presidente de la "Filipe II" del Brasil, como representante de la gente británica. ¡Y todo por unos prejuicios, bandos en la reunión más repin, contra el más portugués de todos los Reyes de Portugal!

Tendríamos mucho que hablar. Como a mí la Feria de Sevilla me molesta, a lo mejor doy un salto de un par de días a Lisboa. ¿Litará Ud. allí todo el mes de abril?

Afecto de mi mujer y míos para el Sr. Delva, con un abrazo fraternal de su siempre amigo

J. L. de la Torre

C: 5-4-1974



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Política Ultramarina
Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

Meu Sr. meu Amigo

Comeco hoje por te agradecer a sua sim-
patia epistola, que muito aprezo. E' claro que
as nossas divergencias, se não forem apenas aciden-
tais são, com alguma sèrmente, de porventura Tam-
beu defende a "visão tradicionalista de Portugal".
do seu livro e é por isso que me meti na empreza
de conseguir a sua impressão. A propósito, cont-
nuo o Sr. Jaime Ochoa a garantir que está tudo a
andar. Concretamente, quero crer que já abram
concurso entre as Tipografias, mas ainda faltará
o despacho escrito ministerial, que ele garante que
não tarda e passará ser desnecessário.

Nada acrescento por ora sobre o texto do seu
trabalho, que de antemão creio me satisfará inte-
ramente, apesar de observações que também julgo
ser de fazer, não com espirito superior de quem sabe
melhor, mas por ser difícil ler o que para mim
sem reagir, é muito avançada...

Quanto à tradução já deu estar informado. Im-
porto sobretudo fixar que até q' de mais estarei toda com-
pleta, como aliois o Sr. Beltracout - de Coimbra te co-
municar directamente.

Ainda um dia me to de contar o que lá acen-
teceu em Coimbra. Excesso de te dizer que esprio
continuar a merecer-te noticias da sua intensa
actividade, estando agora particularmente interessado de
na Italia. Um abraço do C.º e C.ª

Lx, 27/3/74

O.ª Banka de Andrad



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA
PROF. DR. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA Y SPIÑOLA

4
Sevilla 8 mayo 1974

Excmo. Sr. D. Antonio Alberto Sanchez de Arredondo

Mi muy querido amigo: Como los amigos de Portugal me cogieron en un momento viajé a Francia, aprovechando los días libres de la Feria de Sevilla para ocuparme un poco para mi libro sobre "El Franco-Cambridge hispanico"; solamente al regresar, pude hacer tres días telefónicos para saber de Ud., de los hijos y de los amigos.

Aquí apoyan mucho a mi supuesto pariente de Estremoz los periódicos del régimen, especialmente "Pueblo". Tal como apoyaron a Allende, por ejemplo, yo - que tanto amo a Portugal - pide que la liquidación sea de cincuenta, y no de quinientos, años de hispanidad portuguesa. Me convenció en el Perú una situación semejante consolidada y es lo difícil que es hacer pensiones. Séo confío en que Dios nunca abandone a la hispanizada Portugal.

Me gustaría saber algo del doctor Ochoa y demás amigos. Me le telefoné porque no tengo su teléfono. Uno de estos días le mandaré un volumen de "Estudios sobre Derechos Humanos", compuesto por mí y dos asistentes, en el cual uno de ellos estudia el Derecho de Mozambique.

Estoy organizando unas jornadas Forales Valencianas en Valencia del 22 al 24 de junio; además de las jornadas Peninsulares que si no las van a perder al final - celebraremos en Lérida durante la segunda primavera de junio. Los últimos comités organizadores de asociaciones "Fábila II" con los de El Salvador y Francia. Continuamos, con la ayuda de Dios, pese a todos los pesares, porque la victoria es larga, pero la paz es nuestro deber.

Ya le sabe más bien le quiero y le ruego tenga a bien darme noticias suyas y de los amigos comunes con afecto de mi mujer, recibe un entrañable, fraternal, profundo abrazo de su siempre amigo

Francisco Elías de Tejada

Por aquí caren recuerdos de que S. E. estuvo al tanto de la "planière arrancada". Mi supuesto pariente por línea materna (y eso lo es, porque debe de ser cedido de la rama de los Spínola de quinos y o uropo, la del fraambatti, ha que vino a pelear contra Portugal en 1640 como capitán de un tercio napolitano; el nombre Antonio es el típico de mi rama de los Spínola: mi bisabuelo, mi tatarabuelo, un tío abuelo, el único hermano de mi madre se llamaron Antonio Spínola) estuvo viviendo en Madrid mientras estuvo aquí el mis parado, comiendo y barriendo, en casa del jefe del Alto Estado Mayor, General Manuel Díez, Alagón.

Walt



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA

PROF. DR. FRANCISCO ELÍAS TEJADA Y SÁNCHEZ

7

Sevilla 22 mayo 1974

Mi muy querido amigo: En esta, que acabo de recibir, has un gran consuelo y tranquilidad. Los disturbios que miente la prensa de aquí, las alteraciones, días, de orden público que leo en los periódicos, la ciega efervescencia de los revoluciones con masas, incontrolables, hacen pensar cualquier cosa incluso para los amigos que, como tú, ni fueran políticos ni entusiasmados con la política. Pero una bala disparada al apar no tiene inteligencia para saber en donde cae. En esta me consuelo con la alegría de rebato bueno, intijo en el cuerpo como en el espíritu.

Aquí sabemos poco de Portugal. La voz que corre es que fue una revolución organizada de por la masonaría y en la que fueron en parte algunas altas autoridades españolas. Concretamente, no sé ni sería cierto, los rumores, el General jefe del Alto Estado Mayor Manuel Díez Algora; de quien cuentan, tampoco le sabe nada con certeza, sea un nombre de gran categoría. Ya sabe Ud. que los rumores son rumores y no fuentes históricas seguras.

Como lo presumo, incluso lo oficial del Estado como pueblo, jefes a la revolución por uno de esos misterios para mí inexplicables, la "gobierno arrancada" lo sé muy elopida, al más no tiempo que se arrojara pellos de ciegos contra los anteriores gobernantes. Yo, personalmente, lo siento, porque aloucar al mundo no tiene nada de hidalgos. Pero aquí nos la presentan como la revolución de los esclavos, casi un ideal político. Por lo visto fustan de acercar los dos cono vecinos y tienen, como los artilleros dicen, por elevación. Cosa, por lo demás, muy lógica en un folclore como el de

Años Navarros, que parece decidido a liquidar el 18 de julio, ¿creará Ud. creer, por ejemplo, que para el festival de Cannes el Gobierno español ha presentado oficialmente una película como "La hermanita Anabela" que es pura blasfemia contra Cristo y burla del Movimiento? Pues así es.

De este episodio portuqués, aparte la preocupación de algún accidente imperioso en un tiempo o alparador, lo que me duele es mi dulce, bienamada, gloriosa Portugal. Entre todos los pueblos del solar peninsular hispánico, era el único que mantenía en pie la voluntad heroica del Imperio, uncutos lo demás, castellanos o catalanes, hablabamos, cabalmente renunciando a nuestra misión histórica de madre de naciones, el peligro es que Portugal deje de ser Portugal, al menos la Portugal heroica que yo admiro y amo siempre con generosa simpatía por la reciedumbre insigne de sus penales. Me temo que ya pronto el Imperio sea mera arqueología. Como hace siglo y medio lo es entre nosotros. Me temo por el ~~acabacansuente~~ acabacansuente histórico, por el tiempo de la sociedad de consumo sobre la sociedad de los hidalgos, porque en el futuro Portugal no sea ya mi admirada y bienamada Portugal. Es un dolor radical el que me genera las entranas del alma, por aquello que -como todo castellano bien nacido- tengo de portuqués de honor; en un caso concreto de quien he juntado al querer de hermanos, el querer que resulta de haber estudiado los portos portuqueños en los campos de la geografía y, sobre todo, en los del espíritu.

Por ello creo, incluso, es mejor no se publique mi libro en Portugal. Ahora será un epitafio, canción de lo mejor que pase en él: la palpación de anidillo con amor justificando. Porque aquel amor labrado con admiraciones ~~esobranantes~~ apocenas apocenas de portuqueños; sería casi ridículo cuando Portugal parece va a dejar de ser la Portugal mía. Sehe todo cuando, pasa lo que pasa, yo no pedí amor nunca de otro mundo o Portugal.

Por ello le suplico tenga a bien devolverme el original castellano para intentar publicarlo aquí. Aunque lo más seguro es que echo por la ventana mis esfuerzos intelectuales, incluso publicado aquí parecería ~~mejor~~ más una burla irónica que el resultado de un trabajo en el que trabajaron al mismo nivel y me ~~capo~~ capó.

Le suplico no deje de tenerme al tanto de su persona y demás amigos. Y, con afecto de mi mujer, sabe cómo cerca está de un hidalgo portuqués como Ud. este hidalgo castellano y ahora doblado, que es un devoto fiel amigo

Francisco Elías Tejada

C- 22 mayo 1974 C71/7



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Políticas Ultramarina
Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

Meu caríssimo amigo

Começo por agradecer, deo
sensibilizado, o interesse que tem no
telefonemas que me apantaram fora de casa. Entretanto,
eu havia respondido à sua última carta e dado as primeiras
notícias sobre os acontecimentos militares. Hoje os jornais
publicam a constituição do governo provisório e o programa
do "Portugal novo". Espero que os jornais espanhóis tenham
os seus leitores bem informados e, por isso, que abstenha de
notícias a esse respeito. O General Spindola assumiu ontem
as funções de Chefe do Estado. Como saberei, ele e as Forças
Armadas são o autêntico governo, neste momento e espero
que o sejam, mesmo depois de substituído o governo pro-
visório. Mas o futuro será sempre terrível enigma.
Sobre o apelido, que também lhe pertence a si, garanto-
-ele que em Portugal aparece um Espindola no reinado
de D. Manuel, a que me refiro no livro que ~~está~~ quasi
impresso sobre Um Fidalgo Quinhentista Português (Teresa
da Cunha).

A respeito do meu situação e de Dr. Ochoa, por
enquanto oprimos há isto: Ninguém nos acusou de
nada e continuamos nos nrs officios. Eu contarei
o Dr. Ochoa há uns dois anos e ~~est~~ tinha contacto com
ele no gabinete de Documentação. Com isto posso
dizer que, tendo por ele grande estima e admira-
ção, não sei das suas actividades profissionais, além
do que nas reuniões do gabinete podia observar. Não
posso, que não o poderia acusar de pertencer à PIDE
- o grande crime actual entre nós. Como correspon-
dista, defendia uma solução que não é criminosa.
Esta última observação aplica-se a todos os mem-
bros do gabinete de Documentação.

Por mim, também conto não ser alvo de per-
seguições, antes de mais porque nunca fui activo
em nenhuma política, como toda a gente sabe.

P.S. Creio que o fahmet de Documentação será extinto e, por conseguinte, não se poderá publicar o seu livro. Que vamos fazer d'ello? C.C.

Não me defendo, nem volto a casaca. Sempre fui assim por temperamento e nunca me fi. Licei em associações políticas, embora entenda que é ilícito e até necessário que haja quem o faça. Estruturalmente homem de trabalho intelectual, odoro viver na minha biblioteca, que não tive oportunidade de lhe mostrar, mas espero que um dia a veja com vagar. Sou investigador da história cultural e ultramarina, naturalmente com a minha formação católica e nacionalista, que me levava a interpretar os factos de forma diferente do materialismo dialéctico, mas esforço-me por ser isento e verdadeiro. Disto-me podem acusar e talvez não consiga passar incólume. Se o Presidente da República sancionar o desejo dos estudantes do meu Instituto, serão suprimidas as disciplinas "colónias", entre as quais figuram as da minha especialidade, apesar de judicium histórico, que é quem dice, de história de Portugal. Se o Presidente da República sancionar o desejo de fortes partidos políticos, as "colónias" tornar-se-ão independentes e não terá mais sentido que enviar dinheiro para o Junta de Investigações Científicas do Ultramar, onde sou investigador. Que nos farão? Não sei. A minha situação presente é, pois, instável e enigmática, não por questões políticas em si, mas derivadas da política actual. Como sabe, porém, a Junta de Salvação Nacional não abandonará o Ultramar. Aqui reside a minha esperança de poder continuar a trabalhar no meu sector histórico.

Respeitosos cumprimentos a sua Esposa
e para si um abraço do A. e A. da
António Alberto B. de Azevedo

l: 9 maio 1974

Meu Ex. mo Amigo

Cá vamos vivendo, eu, por enquanto, sem novidade. Quando, na última carta, lhe disse que não sou político, mas simplesmente trabalhador intelectual, não queria e não quero fugir a responsabilidades. Tenho o meu credo político de que não abdicar. Simplesmente, por ser mais útil à nação, escrevendo, dentro dos meus gostos e possibilidades, em vez de andar metido em reuniões, comissões ou coisas semelhantes. Não censurei quem o fez. Eu abstenho-me, até por falta de vocação. Gosto pouco de andar em evidência e deleitá-me trabalhando rodeado de livros.

Pelo mesmo correio segue o meu último estudo, que, como verá, anuncia um outro, Mundos Novos do Mundo, que continua retido, por há vários anos se destinava a um doutoramento que já não devo fazer. Esse obra deve interessar-lhe ainda mais, que esta agora enviado. Concorde consigo que o seu livro seria mal recebido em Portugal neste momento. Espero, no entanto, que não deixe de o publicar noutro sítio.

Quanto ao momento político, limito-me a informar-lhe de que há muita coisa confusa, explicações dúbias, perturbações, medos, perseguições e declarações de justiça, etc. etc. Persegue-se a Pide, considera-se tudo mal, responsabilizam-se os fascistas e os racionalistas — aliá simétricos — de tudo que corre mal.

Recorre-se à greve como reivindicação dos trabalhadores, mas acusam-se os reacionários de a provocarem! O ensino caiu num caos, com abolição de exames (promete-se que só este ano, mas o mal é começar!). Nas assembleias gerais de alunos, estes é que mandam e impõem, substituindo os elementos de direcção eleitos nas assembleias dos Professores!

etc. etc.

Contudo, nem tudo é mau e no próprio governo há quem não agrade aos da esquerda, porque adverte o povo de que há valores morais a ressaltar. Os partidos

Se pensam no económico e no social e pouco falam (alguns nem falam) no familiar e no pessoal.

Sobre o Ultramar, eu que sempre defendi a integração, aceito agora como única solução possível, neste momento nacional e internacional, uma federação como o melhor dos males. Se não for impossível, pelo menos é muito difícil voltar atrás. De forma que aconteceu que muitos brancos estão a regressar de Moçambique e de Angola. Vamos ver quem como o ginejo! Os responsáveis pretendem acalmar as populações, garantindo que não se repetirá o caso do Congo Belga. Mas o fato é que a sua boa vontade pode ser viludida pelos da outra parte.

No meu Instituto, pretendem eliminar as cadeiras de carácter ultramarino, inclusive a História que, deste modo, deixa de interessar, pois não se estuda noutro qualquer estabelecimento de Ensino. Será possível que se acabe com o ensino da História Ultramarina, a História da Colonização Moderna, a História de Expansão Cultural Portuguesa?

Não o faço mais. Tudo por ora é provisório, desde o governo, até à medida de despesa de exame, ao aluno que tiver a nota 10 valores.

Respeitos cumprimentos a sua esposa,
e para si, um abraço

de C.º Sincero e O.º da

Lx. 1/6/74

António Alberto B. de Andrade



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA
PROF. DR. EJÍAS DE TEJADA

Sevilla 9 junio 1974

Caro Sr. D. Antonio Alberto B. de Archede

Mi muy querido amigo: Mis cartas anteriores tenían por único objeto expresar mi solidaridad fraternal en todo instante, en los momentos malos como en los momentos buenos. Porque te tengo afecto sincero, era una compañía íntima. Y es en estos momentos cuando se prueban los amigos.

Espero en tus Mundos Nuevos de Mundo y espero puedas completar, leer y publicar tu tesis. Parece que ahí hay ahora mucha confusión y que - como los de arriba cuentan, aunque sea a su manera, el único Portugal posible, el de los países ultramarinos y de la Contraterra, el Portugal que yo amo y que tú amas, todo va a terminar en una prueba de fuerza, de la cual sólo a Dios, talpa tiene fuerte ese Portugal imperial y cristiano, militar y heroico. Hay que esperar con fe en Dios.

La angustia presente no puede durar siempre. También las aguas desbordadas ~~secan~~ vuelven al final a sus cauces. Y Portugal no puede dejar de ser Portugal. Sería monstruoso que no hubiera nadie que estudiara la expansión portuguesa en el mundo, que no hubiera cátedras ni centros de trabajo. No es que los de arriba, soldados, el fin y al cabo, permitan un suicidio histórico de renegado tampoco.

Aunque hoy dice la prensa de aquí que ;basta las Agoras pide la independencia

cia! es un rapto de locura que no puede continuar.

La muerte a mi libro, creo hubiera caído mal en todo caso. Porque ya me di cuenta del predominio de las injurias en el campo cultural, incluso bajo la nitidez anterior. Sin que me extrañase, pues lo mismo, y en mayor grado, ocurre aquí. Era mi ánimo de portugués por vía del sentimiento y del estado, el que se rebelaba contra la publicación en las presuntas ediciones. Porque para mí - te lo repito - solamente es un modo de entender y de querer a Portugal, o como es posible que en Portugal haya nadie bien nacido que me vea con un mal medio milenio de gloria biterrea?

Fuero supedito en las Primeras Jornadas Forales Valencianas, que prendo en Valencia los días 22 a 24 de este mes. Todos valencianos, salvo yo, que tengo el obscuro honor funeral. Los poseídos en castellano y obr en valenciano, de acuerdo con la visión tradicional de los leparos. He estado en Valencia para preparar los días 5 a 7 parados y hay gran entusiasmo. Claro que jornadas culturales, aunque fuertemente castizas, por la doctrina y por los poseídos, y por los aristócratas. Porque yo - igual que tú - no hago nunca política. Hoy día aquí nos limitamos a defender doctrinas en un plano estrictamente cultural.

Con afectos de mi esposa y recordado para el Sr. D. E. y demás amigos, sabes que siempre tu amigo verdadero

Teodoro Tejeda



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA

PROF. DR. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA Y SPÍNOLA

Sevilla 7 sept 1944

Se. D. Antonio Alberto Bando de Andrade
Mi querido amigo: Sin noticias de Ud. hace mucho tiempo, le envío
estas líneas con el deseo de que me haga saber algo de su penosa. Desde
papeo, de donde he vuelto ahora, le recordo como siempre, afectiva y
cordialmente. Espero haya recibido la postal que le envío.

Como lo de mi libro es cosa que parece imposible publicarlo ahí,
le ruego haga me devuelva el original castellano, a fin de publicarlo
aquí, porque quedé sin copia. Y, si el prof. Bettencourt de Cámara termino
la traducción portuguesa, también esto, para intentar publicarlo en Brasil.
Dígame si para ello he de escribir directamente al prof. De Cámara.

La copia de sus noticias, recordándole afectuosamente y agradeciéndole, le
envío, con un abrazo de mi mujer, su inimitable amigo

Francisco Elías de Tejada



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Política Ultramarina
Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

C: 23 sept 1974

que percorri para en Lisboa al
in Chile en noviembre

Meu prezado amigo

Recebi e muito agradeço o postal ilustra-
do por Gabriela e seu dedicado esposo
me endereçaram de Nagasaki. Como lhe
fiquei com inveja! Como eu também gostava
de observar os possíveis restos de cultura portu-
guesa ali deixados há séculos... Um dia
falaremos sobre isso, se tivermos oportunidade,
isto é, se ainda vier a Lisboa.

Do que neste momento por cá se passa,
sabe-o decerto pelos jornais. Apenas de mim
nada lhe constará por esta via e, por isso, quero
comunicar-lhe que, por enquanto, continuo tudo
na mesma, esperando, porém, uma decisão por
todo este mês. Não sei se já lhe disse que agora
seja esta: Dispensado do serviço docente no
Instituto, por supressão do curso em que lec-
cionava. A qualidade de Assistente não obriga
o Governo a colocar-me em qualquer outra
escola. De forma que penso ficar apenas em
trabalhar a investigação histórica, no que me con-
firma até recente convite do historiador Oliveira
Marques - das esquerdas - para depor no balanço
da Colonização Portuguesa, nesta hora de independên-
cia do nosso Ultramar. Aceitei colaborar, porque
me solicitaram o meu depoimento que, pelos



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Política Ultramarina
Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

- 2 -

vistos, querem respeitar.
Claro que não pensam que
me bandeio para as esquerdas,
e, por isso, me regozijo com a oportunidade de
expor a tradicional política portuguesa de con-
tactos com outros povos de etnias diferentes. Pena
é que nos concedam apenas umas 20 páginas
dactilografadas a duas linhas. Colaboram no
volume de depoimentos, alguns escritores estran-
geiros, como Carlos Boxer, Eric Axelsson e
outros.

Depois lhe enviarei cópia do meu,
ainda antes de ser publicado. Há cerca
de um mês encontrei o Bettencourt de
Câmara e perguntei-lhe se já lhe havia
devolvido o manuscrito e ele respondeu-me
que não. É preciso que não se perca e seja
impresso; mesmo em castelhano.

Cumprimentos a Gabriela
e para si; um abraço
do amigo sincero
e admirador

Lx., 11/9/74

Al. Barba de Andrada



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA
PROF. DR. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA Y SPÍNOLA

Sevilla 27 sept 1974

Mi muy querido amigo: bromera alguna me causó en vista del 44 pero con estas agitaciones nadie sabe lo que pueda pasar. Le mandamos, los portales, desde Nagasaki y desde Taiwan: donde había recuerdos del viejo Portugal que yo amo y tanto amo; del Portugal que desgraciadamente parece condenado a ser un mero pedazo de historia muerta. No quisimos ir desde Hong Kong a Macao, por lo que en Hong Kong costaban. Parece ser que Mao prefiere rifar los cosas como están y que son Uds., los portugueses, quienes quieren entrar por Macao. Pero a China popular no le tiene cuentas porque es un medio de comunicación con el extranjero sin que los extranjeros "corrompan" la revolución comunista. Pero, no obstante, que terminará pronto China, dado el afán portugués por entrar por ella.

Es por eso mismo por lo que ahora voy yo - que antes no me interesaba en publicarlo - tengo mucho interés en publicar mi *Historia*. A ser posible en portugués, en Brasil, para donde debo ir en noviembre, camino de Santiago de Chile, donde la "Século II" chilena tiene un Congreso de homenaje en el centenario de Santo Tomás de Aquino, organizado bajo la protección de la Universidad Católica. En el caso de no encontrar editor brasileño, veré el publicarlo aquí en castellano. Suicid sea mi humilde - pero inquebrantable - homenaje al Portugal

nió, al que veo sea el neoladino Portugal.

Me alegro infinito de ver que sus cosas, las miro como vivas. Tanto más que aquí vivimos a un proceso de apertura que pronto desembocará en situación remojante. El gobierno es plenamente democrático y liberal, y la monarquía de Juan Carlos va a abrir con otro gobierno llamado de concertación, en el cual irán todos los viejos políticos.... con que Ud. pueda entrar, ya es bastante.

No quisiera perder el contacto con Ud. Somos muy pocos ya los que amamos al viejo Portugal. Y todas las cosas, aunque sean las más altas, son mejores cuando se convierten entre amigos.

De Angola me llegan libros; de Mozambique no, pero a que tengo aquí carta del Dr. Rodrigues Pinheiro en que, en 20 de julio, me anuncia el envío de un libro "Do homem negro, da sua vida e da sua arte." O los bancos, fardes muchos o el correo debe tener dificultades.

Mucho me gustaría ir por Lisboa, la tomaría podíamos hablar las cosas que me caben en esta carta. Pero ahora estamos atados a con las clases. Intentaré de tenerme un día a la ida a al regreso de Chile. Ya le avisaré con tiempo para que podamos vernos y charlar todo lo largo que me cabe en esta carta.

Con afectos de mi mujer para Ud. y para el Sr. Beber, y replicándole reitero al Sr. Camarê Ribancourt la amabilidad de devolverme el texto (del que estoy muy orgulloso), reciba un fortísimo abrazo de su entrañable siempre amigo

Francisco Elías de Tejada



EL CATEDRÁTICO
DE FILOSOFÍA DEL DERECHO
DE LA
UNIVERSIDAD DE SEVILLA

PROF. DR. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA Y SPÍNOLA

Sevilla 25 octubre 1974

Querido Prof. Dr. Antonio Alberto B. Bataucourt

Mi muy querido amigo. Contaba en última ocasión hoy y me alegró mucho de lo que representó a su persona me dice, lamentando lo del buen amigo Bataucourt.

Le he pedido el original del verso. Por correo certificado, uno y me devolvieron la carta. Esto es el motivo de que se lo pido a través de Ud. y de que le incluyo aquí con este asunto.

El caso es que el día 15 voy para São Paulo, donde tengo "una palata" y voy para organizarme con los amigos de allá, los Primeros Promovidos de la "Filipe II" brasileña, que ya funciona hace un año. De allí voy a Santiago de Chile, donde la "Filipe II" de organizado - de acuerdo con los Drs. Universidad de la Católica y la del Estado - me voy para el centenario de Santa Teresita y donde intervengo asimismo. Luego, a Montevideo, donde me comento, pero hay que cebar a cuidar la "Filipe II". Finalmente a Buenos Aires, donde también hay que hacer muchos cosas, sobre todo ahora, con la eliminación de los marxistas de la Universidad, cuando he sido elegido decano de la Facultad de Filosofía de la Universidad Nacional el presidente de la "Filipe II" argentina, R. P. Raúl Sánchez, Abelardo.

Al ir a São Paulo, caso que con los amigos de allí, no será muy difícil lograr editar en portugués mi libro. Por ello - y ante la imposibilidad absoluta de comunicarme

con el prof. Bataucourt (ni con el teléfono de Ud., siempre comunicando), me atrevo a molestarle de nuevo con el ruego de que le diga me mande su traducción a Sevilla para que luego aquí antes del 14 de noviembre - si no me llega, voy a mandar mensajeros para otra vez el manuscrito y lo llevaré a São Paulo en correspondencia, para poder tener allí nueva traducción. Lo que será doble trabajo, existiendo ya la del prof. Bataucourt, que ha de ser sin duda óptima como suya.

No deje de tenerme al tanto de sus cosas. Y entretanto y siempre, un abrazo, encantable de su buen amigo

Francisco Elías de Tejada



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Política Ultramarina

Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

Meu caro amigo

Já lhe devia ter escrito há mais tempo, depois de receber a sua preciosa carta, mas tenho andado à procura do Dr. Betten, court da Câmara, cujo telefone ninguém atende, por várias vezes que tenho tentado. Há cerca de um mês, porém, encontrei-o e ele prometeu remeter-lhe o original. A tradução, no entanto, porque está longe de a concluir. De forma que, se dispõe de cópia, como é de crer, ande para a diante e edite-a no Brasil ou no Chile ou em Espanha, em português ou em castelhano. Felizmente, guardei a leitura para o fim, porque desejava reparar na tradução e não a cheguei a fazer. Mas conheço outros trabalhos seus e, embora pudesse discor- dar de um ponto ou outro, estou certo de que voltaria a admirar a sua vasta erudição e penetrante espírito crítico e, portanto, gostaria. E gostarei, quando o imprimir. Pelo correio normal envio-lhe os dois tomos da quinta tese, que não che-

gou a ser doutoral, por questões jurídicas. Deixá-los. O trabalho
ai está, sujeito a outra espécie de juri-
nã menos competente malgans mem-
bros, um dos quais espero que seja
o meu bom amigo e ... sua mulher.
Ela terá coragem para devorar seme-
lhante calhamaço? Pelo menos, que
não deixe de ler a Introdução e o
Epilogo.

Um abraço para os dois e
bom êxito no apostolado que se
propõem empreender em breve. Que
inveja das tentos ...

Até um dia, que se dignem
passar por aqui.

Amigo e A. do sincero
Sr., 5/11/74

Antônio Alberto B. de Andrade



Instituto Superior de Ciências Sociais
e Política Ultramarina
Rua da Junqueira, 86 - Lisboa-3

Meus caros amigos

Recebi o V. postal de Togo,
a que respondo agora, certo de que já terás
voltado. E, antes de mais, um cordial obri-
gado, pela lembrança. Efectivamente, ainda
há coisa boa no vida, como se prova com
um casal muito amigo entre si, que se completa
em todos os sentidos, que viaja por toda a parte,
em contactos permanentes com outras terras e
outras gentes... Embora gostasse de vos acom-
panhar, não vos invejo, e desejo que essa felic-
dade se prolongue ainda por muitos anos, com
saúde e lucidez de espirito, como até agora.

Por cá, a situação continua provisória
quanto ao governo, estável, ~~como~~ no dir, no
que respeito às Forças Armadas, e muito agitada
no seio dos partidos, tendo-se assistido última-
mente, p. ex., ao desmembramento em dois, do
partido socialista e ao atopue cerrado deste ao
Comunismo, por causa da unidade sindical,
que as Forças Armadas também sancionam.

Por outro lado, um escandalozinho: Tipógrafos
houve que, como em tempos não puseram impri-
mir o livro do Prof. Marcelo Caetano, também agora
se negaram a imprimir um escrito do General fal-
vai de Melo, que certos meios queriam aposentado,
mas em vão. O livro já apareceu, tal como o do
antigo Chefe do governo. Sobre a economia cor-
rem as mesmas desconfianças, versões, mas o hi-

nem de sua, como eu, bem vemos aumentar assu-
 tadoramente, os preços dos artigos, mesmo de primeira
 necessidade. Não de leve disse o respeito do Christus
 cujo Ministério já foi entregue a um Oficial. Não
 se admitir ninguém nos 1.º anos da Universidade,
 e propõe-se o governo ocupar estes estudantes
 em Serviço Cívico, ainda nas bem deter-
 minado. Sobre a liguia é melhor não falar,
 bem como de outros pontos queentes. Aliás,
 limite-me a recordar os grandes problemas
 que se procura equacionar. De todos, o mais
 faldado cá e julgo que por cá, é certamente o
 do desamortização que, por isso, nem vale a
 pena mencioná-lo.

P.S. - Recolher em novembro e ver.
 do Mundo Novo do Mundo?

A minha situação continua na
 mesma. Embora esteja certo de que não
 serei alvo do chamado saneamento, julgo
 que não prorrogará o meu contrato de Assis-
 tente nem me deixará fazer o Doutoramento
 visto a minha disciplina (História do Colóni-
 zação Moderna) ter sido eliminada do Insti-
 tuto, e parecer que não interessa ninguém qualquer
 ou na Faculdade de Letras. Trabalho só, nes-
 se momento, na investigação histórica. O Dr.
 Jaime Ochoa acaba de ser acusado, mas
 as culpas redireem-se praticamente, a ter
 exercido este e aquele cargo!

Adieu e adios.

Cumprimento a Gabriel e aos si-
 um abraço
 de A.º sincerem e C.º
 António Alberto B. de Andrade

Lx. 20/1/75.

4. Cronologia

Todas as cartas constituem uma cronologia breve –de 1973-1974. A carta de 25 de Outubro de 1974 conclui a Colectânea Epistolar do Prof. Francisco Elías de Tejada y Spínola ao Prof. António Alberto Banha de Andrade. Não se encontrou qualquer anotação ou rascunho epistolar do Prof. Banha de Andrade, dirigida ao Prof. Elías de Tejada. Tal, deve encontrar-se em Arquivo da Fundação Elías de Tejada, em Madrid.

Constam as citadas epístolas em original no Espólio Documental no Arquivo Municipal de Montemor-o-Novo.

Todas as epístolas foram emitidas de Sevilha, e em data que se descrevem:

Sevilha - 23 de Agosto 1973.
22 / Setembro 1973.
03 / Janeiro 1974.
18 / Fevereiro 1974.
07 / Março 1974.
05 / Abril de 1974.
22 /Maio 1974.
09 / Junho 1974.
07 / Setembro 1974.
23 / Setembro 1974.
25 / Outubro 1974.

Para que haja o equilíbrio correspondente carteadado, supomos que na lógica, certamente existirão mais epístolas do Dr. Banha de Andrade, em Arquivo na Fundação Elías de Tejada (Madrid), quiçá referentes, e durante o ano 1973. As que se inserem foram emitidas de Lisboa, e em datas que se descrevem:

Lisboa - 23.12.1973
- 1. 03. 1974.
- 27. 03.1974.
- 22. Mayo 1974.
- 1. 06. 1974.
- 11. 09. 1974.
- 5. 11. 1974
- 20. 01. 1975.

5. Compensação merecida

Compensação, será porventura, a melhor expressão a adicionar neste presente libreto sobre as «Mémórias Epistolares» entre o Dr. Elías de Tejada e o Dr. Banha de Andrade, que julgando-o terminado, tinha, afinal, surpreendente continuidade.

Em Julho de 2014 pensávamos ter completado a coordenação desta pesquisa, acerca dos dois eruditos pensadores. Ficava-nos, no entanto, um certo vazio, inconformável, em apresentar as cartas sem resposta –ao Dr. Elías de Tejada por parte do Dr. Banha de Andrade. Nesta irrefutável ausência das epístolas do historiador montemorense, o nosso pensamento levava-nos a entrever a hipótese de haver respostas, mas supondo-as perdidas, ou, algures arquivadas e desconhecidas.

Deste jeito, só a existência de respostas, justificariam as questões levantadas, no que lemos em Elías de Tejada. Conscientes, mas inconformados, esperando alguma Luz, e, obedecendo à filosofia, de que quando o mar não permite a pesca, o pescador vai tecendo as redes, tal uma Penélope, fui refazendo como num só capítulo tratado, um tempo expressivo para qualquer acontecimento maior que viria, por sua vez, completar o intento –o de dar a conhecer um misterioso episódio, acerca de um livro escrito pelo Dr. Elías de Tejada, a juntar à já sua avultada obra literária.

Mas, digo, mostrou-se desde o princípio um mistério. À obra em livro do Dr. Elías de Tejada, escrita em castelhano, interfere o seu grande Amigo Dr. Banha de Andrade, transmitindo-lhe o merecimento da mesma dever ser traduzida para português e imprimida em gráficas portuguesas, recebendo para a tradução, o apoio de dois eminentes professores, amigos do Dr. Banha de Andrade.

Essa a razão das epístolas trocadas, que passados os anos –quarenta anos– sobre as mesmas, não conhecemos em livro, a publicação em português e desconhecemos o paradeiro do original.

Os historiadores, ambos, deixaram na incógnita este legado, que presente à nossa consciência de bem defender e aprender um pouco de quem tanto ensinou, não permitiria, nunca, a nossa indiferença. Perante uma história de panorama luso-ibérico assente num tema implicitamente patriótico, recapitulando a época deste cenário –quarenta anos– abrange episódios de um particular momento da História de Portugal. É nestas epístolas, do Dr. Banha de Andrade, que conhecemos como viveu o professor, que se classificou a si próprio, de «trabalhador intelectual».

Não nos compete analisar a correspondência, nem esse foi o propósito, sim, defender para a História Documental, manuscritos de quem viveu e legou um nome para a História Contemporânea. Neste objectivo e espírito de pesquisa se abriu em nós numa grande vontade de conhecer a elevada dimensão destas duas figuras distintas.

E, aconteceu! Com muita felicidade para se completar esta pesquisa, agora enriquecida das cartas do Dr. Banha de Andrade, resultante do grande entusiasmo do

Dr. António de Noronha e Lorena e do justíssimo interesse do Dr. Miguel Ayuso Torres, Presidente da Fundação Elías de Tejada (Madrid), que publicou o ambicioso livro que o Dr. Elías de Tejada, queria traduzido em português que proporcionou oportuno mistério e interessante conclusão.

Deste interesse correspondente resultou a pesquisa nos Arquivos da Fundação, encontrando-se nove cartas do Dr. Banha de Andrade, as que ajustadas, consoante as datas, se inserem na presente colectânea.

Persiste, todavia, o mistério. Onde se encontrará o original, se este foi traduzido para português? É com toda esta porfiada demanda, acalentada pelo estigma da amizade luso-ibérica que nos damos conta, com deferência, da intimidade biográfica de um historiador, de que se honra ser um filho de Montemor-o-Novo.

Finalmente, com elevado espírito de agradecimento ao Dr. António de Noronha e Lorena e ao Presidente da Fundação Elías de Tejada, reconhecidamente registamos o conceito de valores, revelado na forma única de se admirar e respeitar o passado, como forma construtiva de vivermos o presente, legando aos vindouros documentos que falam de homens de sentimentos nobres, de como amaram o seu País e a sua História. A publicação nos *Anales* da Fundação Elías de Tejada (Madrid) será então a feliz compensação como «Memórias Epistolares».

6. Imagens

- Arquivo Municipal de Montemor-o-Novo, Correspondência (Países).
- Professor Miguel Ayuso Torres (Madrid).
- Fundação Francisco Elías de Tejada (Madrid).
- Espólio Documental António A. Banha da Andrade (Montemor-o-Novo).